

EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS POR REFUGIADOS SÍRIOS EM SEU PROCESSO DE INTEGRAÇÃO CULTURAL NA CIDADE DE SÃO PAULO

SYRIAN REFUGEES EXPERIENCES IN THEIR CULTURAL INTEGRATION PROCESS IN THE CITY OF SAO PAULO

Eric Junior Costa¹

Centro Federal de Educação Tecnológica -CEFET/MG

Brasil

E-mail: linguistica13@gmail.br

Duval Magalhães Fernandes²

Programa de Pós-graduação em Geografia da Pontifícia Universidade Católica de Minas

Gerais

Brasil

E-mail: duval@pucminas.br

Resumo: Após descrever brevemente o histórico das migrações sírio-libanesas para o Brasil, analisamos narrativas de refugiados sírios, cujos temas são experiências linguísticas vividas em São Paulo. Os resultados destacam traumas ocasionados devido à guerra na Síria como obstáculos para a aprendizagem do novo idioma para a integração desses migrantes, principalmente no comércio. Esses discursos apontam diferentes trajetórias e integração dessa comunidade no Brasil.

Abstract: After briefly describing the history of Syrian-Lebanese migration to Brazil, we analysed narratives from Syrian refugees, whose themes are linguistic experiences they had in Sao Paulo. The results highlight and place traumas caused by the war in Syria as obstacles for learning the new language and for the integration of such migrants, especially in the trade, commercial field. Such discourses point to different routes and ways of integration of this community in Brazil.

Palavras-chave: integração, narrativas, refugiados sírios.

Keywords: integration, narratives, Syrian refugees.

Considerações Iniciais

Se hoje presenciemos as influências árabes nas tradições, costumes, cultura e história brasileiras isso se deve às migrações do Oriente Médio e do Magreb para diversas

¹ Área de estudo: estudos de linguagens e estudos migratórios. Mestre em Português Língua não Materna - UAb/Portugal e doutoramento em Estudos de Linguagem.

² Professor/pesquisador do Programa de Pós-graduação em Geografia e lotado do Departamento de Economia da PUC Minas.

partes do planeta. A título de exemplo, podemos tomar como referência um período histórico do século VIII quando ocorreram as expansões árabes na Península Ibérica. Naquele período da história, os povos árabes já haviam deixado um legado na cultura portuguesa como na gastronomia ou no nosso repertório lexical.

Trazidas pelos portugueses, palavras como alfândega, armazém, álgebra viriam fazer parte também do português da América, e são utilizadas até hoje no dia a dia no país. Outro fato marcante ocorrido foi a migração de sírios e libaneses para o Brasil a partir do fim do século XIX, que influenciou de forma diversa a cultura brasileira. Atualmente a comunidade libanesa no Brasil é constituída de aproximadamente 10 milhões pessoas no país entre nascidos no Oriente Médio e descendentes, e tem estado presente em nossa cultura marcas e valores simbólicos, políticos, gastronômicos, sendo, portanto, uma entre as várias culturas que formam o Brasil.

Como se pode notar, a relação histórica entre o Brasil e o Oriente Médio não é recente. As migrações do Oriente Médio para o Brasil revelam parte da nossa essência, dos nossos costumes mais corriqueiros. Um exemplo é a influência gastronômica dos sírio-libaneses em nosso paladar, como o quibe que em nossas práticas sociais, festas infantis, por exemplo, disputa certo vedetismo com as coxinhas e empadas. Esses e outros costumes dessas comunidades no Brasil, com o passar do tempo, foram se capilarizando por todas as regiões do país, conforme, Osman³, Santos⁴, Dornelas⁵, Peres⁶, Francisco⁷ e Fortunato⁸.

Assim, ruas de algumas capitais tinham seus nomes trocados para fazer referência aos migrantes que ali moravam ou trabalhavam, como, por exemplo, a Rua dos Caetés, em Belo

³ OSMAN, Samira A. *Entre o Líbano e o Brasil: dinâmica migratório e história oral de vida*. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Letras, Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-05112007-133744/pt-br.php>. Acesso em: 02 jun. 2020.

⁴ SANTOS. Op. Cit.

⁵ DORNELAS, Juliana, G. A contribuição da memória para o estudo de um processo migratório específico: o caso dos sírios e libaneses em Juiz de Fora- MG (1890-1940). *Revista Outros Tempos*. v. 6, n. 8, dez. 2009. Disponível em: https://www.outrostempos.uema.br/OJS/index.php/outros_tempos_uma/article/view/171. Acesso em: 02 jun. 2020.

⁶ PERES, Gabriela P. *Situação Linguística de refugiados sírios no Brasil: o ensino de português como língua de acolhimento*. Monografia (Graduação em Letras) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/167112/TCC%20FINAL%20Rep..pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 02 jun. 2020.

⁷ FRANCISCO, Júlio C.B. *Dos cedros aos pampas: imigração sírio-libanesa no Rio Grande do Sul, identidade e assimilação (1890-1949)*. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2017. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/7771>. Acesso em: 02 jun. 2020.

⁸ FORTUNATO, Elissa M. *Integração de Refugiados no Brasil: A Construção De Políticas Públicas E A Visão Dos Refugiados Sírios*. Dissertação (Mestrado em Estudos Árabes) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2019. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8159/tde-27112019-190711/pt-br.php>. Acesso em: 02 jun. 2020.

Horizonte⁹, que era chamada de Rua dos Turcos¹⁰. Em diversas cidades havia e ainda há pontos de referências aos migrantes sírio-libaneses, como a Rua Voluntários da Pátria ou o Bairro São João em Porto Alegre¹¹; na Senador Pompeu, em Fortaleza, conhecida como “Rua dos Mascates”¹². Pouco a pouco os sírios e os libaneses foram conquistando espaço em nossa cultura e atuando em campos, cada vez mais vastos, do cotidiano brasileiro. Há aqueles que se lembram de personagens como Nacib al Saad, do livro de Jorge Amado, adaptado à novela, Gabriela Cravo e Canela, entre outras produções e personagens do mesmo autor¹³. Há pessoas que logo relacionam essa comunidade a outras produções televisivas de grande alcance internacional como “O Clone” (2001-2002) e “Órfãos da Terra” (2019), ou aos personagens midiáticos mais recentes, como um refugiado sírio que participou do *Big Brother Brasil*, ou ainda às redes de *fastfood* de comida árabes espalhadas pelo país, bem como aos políticos famosos de origem sírio-libanesa.

Vale ressaltar que, para este artigo, foi necessário realizar um recorte, uma vez que, apesar de haver migrações de diversos países do Oriente Médio para o Brasil, decidimos concentrar-nos na centenária migração sírio-libanesa. A decisão por incluir as duas nacionalidades em um termo único deve-se ao fato de que, como já mencionado na primeira nota de rodapé deste artigo, os cidadãos provenientes do antigo Império Otomano, que incluía a Síria e o Líbano, eram registrados em algumas categorias como “turcos”, “árabes” ou “turcos otomanos” ao chegarem ao Brasil¹⁴. Além disso, embora cada país seja constituído de vários povos e culturas, as migrações desses países ocorreram de forma relativamente simultânea para o Brasil, que durante o passar do século XX, as histórias de sírios e libaneses

⁹ VIRGINO, Bruno A.L. Os imigrantes e a Rua dos Caetés: possíveis permanência do processo imigratório dos povos árabes para Belo Horizonte. *Revista do Instituto de Ciências Humanas*, v. 14, n. 20, 2018. Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/revistaich/article/view/17653>. Acesso em: 02 jun. 2020.

¹⁰ Sobretudo até o final da Primeira Guerra Mundial, os sírios e libaneses apareciam nos registros nacionais como turcos (TRUZZI, 1997, p. 43). Por isso, ao dizer “turco” podia significar os mascates sírios e libaneses.

¹¹ FRANCISCO. Op. Cit.

¹² FRANKLIN, Ruben. M. “Gallegos”, “Gombadres” e negócios: os imigrantes libaneses na Praça Mercantil da cidade de Fortaleza-CE (1890-1930). Dissertação (Mestrado em História Oral) - Universidade Federal do Ceará, 2011. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/3014>. Acesso em: 02 jun. 2020.

¹³ GARCIA, Mireille. A representação do imigrante árabe em A descoberta da América pelos turcos, de Jorge Amado. *Amérika, Laboratoire Interdisciplinaire de Recherche sur les Amériques*. 10. n., 2014. Disponível em: <https://journals.openedition.org/amerika/4514>. Acesso em: 02 jun. 2020.

¹⁴ Para acesso a discussões aprofundadas sobre essa problematização cultural e identitária, consultar as obras de LESSER, Jeffrey. A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil. São Paulo: Editora UNESP, 2001 e MEIHY, Murilo B. *Os Libaneses*. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

interligaram-se nos discursos da população brasileira. Em momentos específicos desta pesquisa, delimitaremos a nacionalidade a que estamos nos referindo.

É importante mencionar também que o recorte se deve a uma questão geográfica e não religiosa ou étnica, ou seja, o foco desta pesquisa não são os árabes ou os muçulmanos, uma vez que esses grupos estão localizados além das fronteiras do Oriente Médio. Nosso objeto de estudo é a migração de cidadãos sírio-libaneses para o Brasil, independentemente de sua religião ou filiação étnica. Além disso, e a título de curiosidade, se tivéssemos a intenção de pesquisar os muçulmanos no Brasil, por exemplo, teríamos de considerar outras migrações, como aquelas forçadas do período colonial brasileiro em que muçulmanos provenientes da África foram escravizados no Brasil de acordo com Sena¹⁵; Gomes¹⁶, ou ainda a dos refugiados bengalis que, na última década, encontraram, no Brasil, uma forma de ressignificar suas vidas, após perseguições sofridas em seus países por serem de religião muçulmana¹⁷.

Feito esse primeiro recorte, realizaremos um breve histórico das migrações sírio-libanesas ao Brasil e de suas formas de integração¹⁸ ao nosso país, dando destaque ao período após a normativa 17 do Comitê Nacional Para os Refugiados¹⁹, CONARE 2013²⁰, ou seja, àquela migração que teve a Primavera Árabe e, mais especificamente, a eclosão da guerra da Síria como a maior motivadora do abandono de seus lares. E é, portanto, no cenário de Migração de Crise²¹ que se desenvolve o presente estudo e uma das justificativas de decidir

¹⁵ SENA, E. A. O Islã no Brasil: malês e “árabes” – dois momentos a presença muçulmana no contexto brasileiro. *Horizonte – Revista de Estudos de Teologia e Ciência da Religião*. v.12, n.38, p. 829-861, 2015. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/9739>. Acesso em: 02 jun. 2020.

¹⁶ GOMES, Laurentino. *Escravidão: do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares*. v.1., ed.1, 2019. Rio de Janeiro: Globo Livros.

¹⁷ ZANFORLIN, Sofia, C. De Bangladesh para o Brasil: migração, interculturalidade e uso das TICs. *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación*. v.11, n.21., p.68-76, 2014. São Paulo. Disponível em: <https://www.alaic.org/revista/index.php/alaic/article/view/533>. Acesso em: 02 jun. 2020.

¹⁸ Para esta pesquisa, nos apoiamos no termo integração conforme: SPREAFICO, Andrea. O que quer dizer “integração” nas sociedades de imigração?. *Revista Sociedade e Cultura*, p.127-138, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fcs/article/view/6905>. Acesso em 27 de fev. 2021.

¹⁹ COMITÊ NACIONAL PARA REFUGIADOS – CONARE. *Números do Refúgio*. 4. Ed. 2019, Disponível em: <https://www.justica.gov.br/seus-direitos/refugio/refugio-em-numeros> Acesso em: 02 jun. 2020.

²⁰ Resolução 17 do CONARE de 2013, disponível em: <https://www.justica.gov.br/seus-direitos/refugio/anexos/resolucao-normativa-n-17-do-conare.pdf/view>. Acesso em: 02 jun. 2020.

²¹ BAENINGER, R. A.; PERES, R. G. Migração de crise: a imigração haitiana para o Brasil. In: *Revista Brasileira de Estudos da População*. v.34, n.1, p. 119-143, jan./abr., 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbepop/v34n1/0102-3098-rbepop-34-01-00119.pdf>. Acesso em 12 de mai. 2019.

pela migração forçada síria deve-se ao fato de ela registrar o maior número de refugiados reconhecidos no Brasil²² até o fim de 2018.

No que diz respeito às motivações para realização desta pesquisa, consideramos a constância das migrações sírio-libanesas ao Brasil, desde 1870 até hoje, como um fator que nos apresenta inquietações epistemológicas relevantes para reflexão nesse campo. Além disso, a realização desta pesquisa parte do desejo em dar sequência aos estudos sobre o Oriente Médio já realizados, por um dos autores, no âmbito do mestrado²³ com refugiados sírios em São Paulo e que, agora, também o acompanha no âmbito doutorado²⁴.

Para este artigo, recorremo-nos a pesquisa de Costa²⁵ que ouviu 12 narrativas de sírios que moravam no bairro do Pari, região central de São Paulo, onde está a mesquita e lugar significativo do ponto de vista cultural, religioso e comercial para os novos migrantes sírio-libaneses-palestinos de São Paulo. O objetivo de análise das narrativas foi verificar a Competência Narrativa²⁶ desses migrantes. Os 12 participantes eram alunos de um curso de Português como Língua de Acolhimento (PLAc)²⁷ e o objetivo era saber como esses migrantes construía suas narrativas orais que tinham, como tema principal, experiências com a língua portuguesa desde a chegada ao Brasil. Por considerar que essas narrativas apresentam potencial para outras análises multidisciplinares, recorremos a esse mesmo conjunto de materialidades linguísticas para as análises deste artigo. Contudo, desta vez, nossa intenção é analisar as narrativas pelo viés dos aspectos de integração da comunidade síria em São Paulo.

No que diz respeito às justificativas para adotar as narrativas como método de análise, podemos mencionar, em primeiro lugar, que, de acordo com a observação do levantamento

²² Cf. [4ª edição do Refúgio em Números](https://www.justica.gov.br/seus-direitos/refugio/refugio-em-numeros). Disponível em: <https://www.justica.gov.br/seus-direitos/refugio/refugio-em-numeros>. Acesso: 02 jun. 2020

²³ Na ocasião a pesquisa de campo foi realizada no bairro Pari, São Paulo em 2016 e 2017 e dissertação defendida na Universidade Aberta de Portugal em Lisboa em 2019.

²⁴ A pesquisa no doutorado tem como participantes pessoas nascidas no Líbano, porém consideradas apátridas.

²⁵ COSTA, Eric, J. *Português Língua de Acolhimento no caso de refugiados sírios em São Paulo: análise de narrativas orais autênticas*. Dissertação (Mestrado em Português como Língua não-Materna) - Universidade Aberta de Portugal, Lisboa, 2019.

²⁶ BATORÉO, Hanna J. *Expressão do espaço no português europeu: contributo psicolinguístico para o estudo da linguagem e cognição*. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa. Lisboa, 2000.

²⁷ Cf. SÃO BERNARDO, Mirelle Amaral de. *Português como língua de acolhimento: um estudo com imigrantes e pessoas em situação de refúgio no Brasil*. 206fl. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/8126?show=full>. Acesso em: 02 jun. 2020; e CAMARGO, Helena R.E. *Diálogos transversais: Narrativas para um protocolo de encaminhamentos às políticas de acolhimento a migrantes de crise*. 272fl. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas. 2019.

de pesquisas brasileiras sobre o Oriente Médio²⁸, há poucas investigações que utilizam narrativas autênticas como materialidade de análise. Acreditamos que as narrativas que dispomos podem, por sua qualidade potencial de apontar discursividades subjetivas e coletivas, contribuir com outros elementos de análise à categoria “perspectivas culturais” e “comunidades no Brasil”²⁹. Por outro lado, estamos conscientes da limitação deste estudo, uma vez que as narrativas recolhidas representam uma amostra pequena, de um perfil particular de um de um bairro de uma metrópole, sendo, portanto, capaz de elucidar apenas uma realidade específica de uma grande comunidade que é a sírio-libanesa no Brasil, ou seja, caracteriza parcialmente um grupo de refugiados sírios residentes do bairro Pari.

Por fim, o objetivo principal deste artigo é, a partir das análises de processos de integração de sírio-libaneses no Brasil, desde o fim do século XIX até os dias atuais, elucidar a última década dessa trajetória com experiências de refugiados sírios com a língua portuguesa em São Paulo, por meio de análises de suas narrativas orais. Nesse sentido, interessa-nos observar a linha do tempo das migrações sírio-libanesas ao Brasil, com foco nos meios de integração desses grupos ao longo desse período, apresentando narrativas de um grupo de refugiados sírios como forma de caracterizar parte dessa integração.

1. Breve histórico da migração sírio-libanesa no Brasil

Para ilustrar como as influências da migração libanesa no Brasil são significativas, tomemos alguns exemplos: o Líbano tem uma população total de aproximadamente sete milhões de habitantes, e, no Brasil, a comunidade libanesa soma 10 milhões de pessoas, isto é, há mais nativos e descendentes no Brasil do que no próprio Líbano, e, por isso, constitui-se na maior comunidade libanesa do mundo³⁰. Ainda no âmbito dos números, o que significa a Rua 25 de Março em São Paulo, suas lojas e cédulas, o lugar metropolitano mais representativo da migração sírio-libanesa? A respeito disso, o dia 25 de março foi escolhido como data de comemoração do Dia Nacional da Comunidade Árabe no

²⁸ BRASIL, Bruno C. Meta-academia: como as instituições acadêmicas brasileiras estudam o Oriente Médio. p.134-185. In: VASCONCELOS, Alvaro.; CLEMESHA, Arlene.; GUIMARÃES, Feliciano, S. *Brasil e Oriente Médio: o poder da sociedade civil*. Instituto de Relações Internacionais da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2018. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/002911875>. Acesso em: 02 jun. 2020.

²⁹ Ibidem, pp.155-162.

³⁰ AMORIM, Celso. Brazil and the Middle East. *The Cairo Review of Global Affairs*. p. 48-63. Cairo, 2011. Disponível em: <https://www.thecaireview.com/wp-content/uploads/2014/11/Brazil-and-the-Middle-East.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2020.

Brasil, Lei 11.764 de agosto de 2008³¹. As narrativas sírio-libanesas sobre o comércio, em especial, remetem-nos, como exemplo, ao Bazar 13, propriedade da família do escritor Raduan Nassar na metade do século passado³². São diversos fios que inter cruzam, representantes das memórias e vivências de brasileiros e não somente da comunidade sírio-libanesa. Interpretamos (nesta pesquisa) esses fios como frutos de diversas migrações, de um ato intrínseco ao ser humano³³ que operam muito além dos conceitos simplistas de fronteira e territórios³⁴, apresentando-se como potenciais para investigações que versem sobre identidade e experiências migratórias.

Nesse sentido, as ramificações (os fios) são variadas e trazem representações e influências multifacetadas à cultura brasileira em geral, abarcando questionamentos sobre o mascate na integração nacional e além. A título de exemplo, elencamos a relevância do *Club Homs* para os patrícios da capital paulista; da Avenida Sete de Setembro, no Bairro dos Remédios para a economia de Manaus durante o Ciclo da Borracha; dos tempos religiosos como a Igreja Ortodoxa do bairro Paraíso em São Paulo ou da Mesquita *Omar Ibn Al-Khabat* em Foz do Iguaçu para os religiosos e demais interessados. E, muitas vezes, mesmo que as influências se tornem difíceis de serem lembradas, a locutora dos trajetos do GPS avisa que o carro acaba de entrar na Avenida Ricardo Jafet, em São Paulo e, passando em frente a uma livraria, é possível lembrar do livro recebido no amigo secreto, escrito por Milton Hatoum e que conta o “Relato de um certo oriente”. Por fim, sobre as inúmeras formas de se observar as influências dos povos sírio-libaneses no cotidiano brasileiro, referenciamos a presença desses migrantes e seus descendentes nas diversas áreas da cultura brasileira.

Contudo esses aspectos e curiosidades socioculturais e sócio-históricas são reconhecidas como influências em nossa cultura devido a inúmeras migrações de sujeitos sírio-libaneses, entre idas e regressos, durante 150 anos. Portanto significa pensar que houve, e ainda há, por exemplo, variadas motivações para que viessem ao Brasil, bem como formas diferentes de se integrar (ou não) aqui.

Devido à grande extensão da linha do tempo da migração sírio-libanesa ao Brasil, e considerando que, em um artigo, não seria possível contemplar as minúcias desse

³¹ LEI Nº 11.764/2008. Disponível em: https://www.normasbrasil.com.br/norma/lei-11764-2008_86559.html. Acesso em: 02 jun. 2020

³² Essas experiências e outras do escritor podem ser lidas em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/depois-da-lavoura/>. Acesso em: 02 jun. 2020.

³³ CASTLES, Stephen. *Understanding Global Migration: A social transformation perspective*. pp.1565-1586. Journal of Ethnic and Migration Studies, v.36, n.10, 2010. Taylor & Francis Group: Londres.

³⁴ Para tais conceitos, nos baseamos nas obras: SANTOS, Milton. *Espaço e método*. São Paulo: Nobel, 1985 e SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência global*. 14 ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

trajeto secular, decidimos realizar alguns recortes e privilegiar as informações suficientes para a análise que se propõe. Tomamos como base as leituras de Truzzi³⁵, Fígoli & Vilela³⁶, Osman³⁷; Francisco³⁸, Fortunato³⁹ e das estatísticas do CONARE. Dessa forma, apresentaremos, na sequência, um breve estudo diacrônico dos 150 anos das migrações sírio-libanesas para o Brasil, enfatizando aspectos sócio-históricos e culturais que versem sobre a integração desses sujeitos.

Em primeiro lugar, destacamos que, durante a realização do levantamento da bibliografia geral e básica sobre o tema da migração sírio-libanesa ao Brasil, encontramos significativa a pesquisa do sociólogo Clark Knowlton⁴⁰ realizada na metade do século XX, pois “constitui referência pioneira”⁴¹. Além disso, Knowlton já advertira certa dificuldade em realizar uma diferenciação nítida de identidades, culturas e etnias, tão diversas entre os patrícios sírios e libaneses no Brasil. Sendo uma pesquisa pioneira, já nos indica, portanto, que, desde o princípio das migrações provenientes desses países para o Brasil, representavam, aqui, um leque de culturas, amizades e rivalidades que “era impossível organizar uma sociedade que representasse a colônia toda”⁴². Assim, para efeitos deste artigo, pretende-se que ele seja apenas um ponto de observação entre tantos possíveis nas dificuldades de se estabelecer separação clara entre as diversidades dessas comunidades.

Iniciando de fato as descrições da primeira fase da migração sírio-libanesa para o Brasil, retornaremos ao final do século XIX, em 1870, sendo considerada, nesse período, a chegada dos primeiros migrantes desses países do Oriente Médio para o Brasil ⁴³. Até 1914, essa fase teve um caráter livre, e foi constituída, em sua maioria, por cidadãos que não decidiram ter o Brasil como destino de sua migração, uma vez que, por razões sanitárias ou educacionais, não tinham sido aceitos nos Estados Unidos e, por isso, foram encaminhados ao Brasil, ou seja, um destino alternativo⁴⁴. De todo modo representava ainda uma ideia da

³⁵ TRUZZI. Op. Cit.

³⁶ FÍGOLI, Leonardo H.; VILELA, Elaine M. Migração internacional, multiculturalismo e identidades: sírios e libaneses em Minas Gerais. p.1-17, 2004. *Anais do XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais*. Disponível em: <http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/view/1292/0>. Acesso em 02 jun. 2020.

³⁷ OSMAN. Op. Cit.

³⁸ FRANCISCO. Op. Cit.

³⁹ FORTUNATO. Op. Cit.

⁴⁰ KNOWLTON, Clark. *Sírios e libaneses: mobilidade social e espacial*. São Paulo: Anhembi, 1961.

⁴¹ TRUZZI. Op. Cit., p.19.

⁴² KNOWLTON. Op. cit., p.179.

⁴³ TRUZZI. Op. cit., p. 39.

⁴⁴ FÍGOLI; VILELA. Op. cit., p.5-6

possibilidade de fazer fortuna na América, na tentativa de enviar remessa de dinheiro aos familiares, ou ainda adquirir bens em suas terras natais. Contudo há diversas motivações e trajetórias migratórias desses grupos ao Brasil. Aliados às razões mencionadas, os aspectos demográficos têm sido um problema constante na região do Oriente Médio⁴⁵ bem como o crescimento das cidades que minou a produção agrícola de subsistência⁴⁶, contribuindo para a evasão de pessoas, conjuntamente com a precária situação econômica da terra de origem, além “da inferioridade sociorreligiosa dos cristãos (que de fato constituíram a grande maioria dos imigrantes), numa sociedade predominantemente islâmica, em uma região à época, integrante do vasto império otomano”⁴⁷.

Por outro lado, há também aqueles que aqui chegaram por conta própria, o que é tido orgulhosamente por esses migrantes como prova irrefutável de um espírito nobre, ainda que durante todos esses 150 anos tenham constantemente sido apoiados por uma base familiar em seus lugares de origem, bem como por uma forte e unida rede de patrícios no Brasil.

No que se refere a alguns dados, apontamos que, até 1920, eram 19.290 turcos-asiáticos no estado de São Paulo e de 5.988 na capital⁴⁸. Em linhas gerais, essa primeira etapa (de 1870 até o fim da Primeira Guerra Mundial) caracterizava-se falta de oportunidade no Brasil, uma vez que, naquele período de transição do Império para a República, os sírio-libaneses não se enquadravam nem como donos de terras, nem como escravizados. Além disso, como em seus países de origem eram donos de seus próprios negócios (pastoril, agricultura), queriam continuar a serem donos de seus negócios no Brasil também. Contavam com escassas possibilidades de obterem trabalho, uma vez que a estrutura agrícola baseada em grandes lavouras lhes impedia o acesso às terras, diferentemente do que sucedia em seus lugares de origem, pois estavam acostumados à agricultura familiar e de pequeno porte. A saída foi mascatear, pois, para essa atividade, não havia necessidade de habilidade técnica (como na agricultura). Eram, em sua maioria, homens solteiros, com determinação de acumular riquezas, tendo encontrado, portanto momento oportuno na estrutura econômica brasileira da época, já que foram como “mascates, mercadores

⁴⁵ MORLAND, Paul. *The human tide: how population shaped the Modern World*. 1 ed. London: John Murray Publishers, 2019.

⁴⁶ TRUZZI. Op. cit., p.22.

⁴⁷ *Ibidem*, p.20.

⁴⁸ *Ibidem*, p.39-40.

ambulantes que desempenhariam um papel econômico essencial, enquanto distribuidores de mercadorias, no complexo sistema da cadeia produtiva”⁴⁹.

Dessa forma, trouxeram novidades de consumo antes desconhecidas no comércio e nas lojas pelo Brasil. As maletas que carregaram durante as primeiras décadas dessa migração se transformariam, anos depois, em comércio das cidades, como os armarinhos (nome em referência ao ‘pequeno armário’ que levavam com os produtos, as maletas).

À proporção que o século avançava, na sociedade paulista, a imagem de homens dedicados ao comércio sobrepôs-se ao exotismo anteriormente associado aos costumes das populações orientais. Não era para menos. Os descendentes de sírios e libaneses haviam penetrado de forma irreversível em todos os patamares da estrutura comercial da cidade, especializando-se em alguns ramos que à época eram importantes e facilmente notáveis, pois a alma do negócio consistia em atrair o consumo popular. (...) Essa história recheada de dramas pessoais, mas no geral bem sucedida, que por certo constitui um dos episódios mais recorrentes da saga dos imigrantes sírios e libaneses, tem seu começo com a singular figura do mascate.⁵⁰

Com o passar dos anos do início do século XX, rumaram para o interior do Brasil com um sistema capilarizado, abarcando, cada vez mais, outras regiões do país, com um comércio revolucionário para o Brasil naquela época. A título de exemplo podemos citar a prática da liquidação ou de sistema de créditos que até hoje é utilizada. À medida que conseguiam uma clientela fiel em determinada parte de uma cidade, ali abriam suas lojas. Era a construção de uma rede que tinha, como núcleo, o nicho econômico.

Na cidade de São Paulo, maior reduto sírio-libanês do país, esses migrantes residiam no norte do Distrito da Sé e ao sul do Distrito de Santa Ifigênia, num triângulo cujos lados são a Cantareira, a Avenida do Estado e a Rua 25 de Março.

A Rua 25 de Março, famosa em todo o Brasil por ser uma rua com um alto número de comércios que atraem diversas pessoas em busca de compras durante todo o ano, é um dos marcos mais significativos da migração sírio-libanesa. Fica próxima ao Mercado Municipal de São Paulo, uma região que sempre foi ponto de encontro dos mascates e comerciantes em geral. Vale ressaltar a importância geográfica dessa região para os sírio-libaneses, já que, próximo dali, ficava a estação ferroviária da Cantareira e, assim, quando os familiares e compatriotas chegavam de Santos, os patrícios já instalados iam recebê-los e transportá-los para a Rua 25 de março e lá lhes ensinavam os termos portugueses

⁴⁹ FÍGOLI; VARELA. Op. Cit., p. 8.

⁵⁰ TRUZZI. Op. cit., p.42-43.

indispensáveis para os truques do comércio do mascates.⁵¹ Os ramos preferenciais dessa comunidade eram as confecções e têxtil e, com a sua vocação para o comércio e também com a rede de conterrâneos estabelecidos que os ajudaram e até forneciam trabalho, puderam consolidar-se e ampliaram seus negócios, com ativação de grande giro de capital na indústria do estado de São Paulo, principalmente.

O êxito da primeira fase da migração sírio-libanesa fez com que os patrícios que chegaram no período entre as duas grandes guerras mundiais do século passado, já contassem com uma *social network* muito bem desenvolvida, que, para efeitos de integração, era indispensável. A nova migração em massa, intencionalmente dirigida ao Brasil, escolheu esse destino por meio das informações obtidas pelos imigrantes pioneiros, parentes e amigos⁵². Como tinham por prática chamar parentes e amigos, uma vez bem sucedido o negócio, rapidamente se estabeleceu uma corrente orientada de migrantes para o Brasil, pautada em um projeto migratório-nacional-familiar, em que a renovação do fluxo migratório, com contingentes entre amigos e descendentes, favoreceu o despertar de lojas em pequenos centros urbanos, incorporando os novos patrícios por meio do trabalho e comércio.

Há, porém, dois pontos importantes a frisar. O primeiro é que, além desse caráter das redes sociais e familiares no apoio à integração desses sujeitos, as dificuldades após a Primeira Guerra Mundial, devido à fome e ao fato de a região sob o regime de protetorado da França, fizeram com que o caráter da imigração passasse de temporário para permanente⁵³. Nesse sentido, à medida que as décadas iam passando, as relações entre esses países e o Brasil aumentavam e os laços afetivos fortaleciam-se para receber os conterrâneos, haja vista que, devido às consequências da I Guerra Mundial no Oriente Médio, migrar ao Brasil já não significava certeza da volta, e, por isso, o caráter permanente na vida de muitos desses sujeitos. O segundo ponto relevante a ser considerado é que, embora, de forma geral, tenhamos apontado para aspectos “positivos” da integração desses imigrantes, não podemos nos esquecer de que também sofreram com os processos de expulsão na Primeira República⁵⁴.

⁵¹ TRUZZI, Op. cit., p.6.

⁵² FÍGOLI; VILELA. Op. cit., p. 6

⁵³ TRUZZI. Op. cit., p.31.

⁵⁴ FRANCISCO, Júlio, C.B; LAMARÃO, Sérgio. Sírios e libaneses e a expulsão de estrangeiros na Primeira República. *Revista Acervo do Arquivo Nacional*. v.26, n.2. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <http://revista.arquivonacional.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/529>. Acesso em: 02 jun. 2020.

Para uma parte da migração sírio-libanesa no Brasil naquele período, conforme prosperava, o convívio com os conterrâneos, amigos, parentes e vizinhos obtinha um certo *status* e socializavam em seus recém-comprados terrenos e edificações na Avenida Paulista entre 1917-1930. Alguns faziam parte, portanto, da elite paulistana daquele momento. Aqui vale a pena mencionar que comerciantes bem-sucedidos pertenciam a famílias que já operavam no ramo dos tecidos, armarinhos e comércio em seus países de origem, além de apresentar uma educação formal em colégios na terra natal. Assim, os *nouveaux riches* compraram carros caríssimos, entraram para os clubes aristocráticos de São Paulo, como o Clube Paulistano, e frequentavam os salões que antes só as antiquíssimas famílias paulistanas o faziam.⁵⁵

Em linhas gerais, até o fim da década de 50 do século passado, o perfil da migração-sírio libanesa era composto por pessoas solteiras (63,58%), do sexo masculino (69,69%), de acordo com os números de registros no porto de Santos entre 1908 a 1939⁵⁶. No que diz respeito às relações afetivas, que podem apontar elementos de análise, entre o período de 1940-1946 casaram-se 652 noivos e 276 noivas sírias. Entre os primeiros, 27% casaram-se com sírias, 65% com brasileiras e 8% com estrangeiras. Já entre as noivas, a tendência se inverte: 63% casaram-se com sírios, 19% com brasileiros e 18% com estrangeiros.⁵⁷

Na geração seguinte, do pós II Guerra Mundial até a década de 90, poucos são os sírios que se dirigem ao Brasil, ao contrário dos libaneses, cujo fluxo intensifica-se. Em geral, foi uma migração de massa, intencionalmente dirigida; os migrantes chegaram com local de destino e residência definidos, fruto das redes sociais de amizade e parentesco com as gerações anteriores⁵⁸. Os fluxos migratórios desses países diminuíram muito a partir dos anos 80⁵⁹ e, entre as justificativas, parcialmente para os libaneses, estavam as dificuldades impostas pelo governo brasileiro na obtenção do visto de permanência. Por outro lado, os sírios, com estabilidade política àquela altura (1970), reduziram significativamente o fluxo de imigrantes para o Brasil⁶⁰.

Já sobre as migrações desses países ao Brasil no século XXI, evidenciamos lastimáveis fatores, em especial os causados pelos conflitos da eclosão da Primavera Árabe em diversos países árabes e, principalmente, da guerra na Síria que se alastra por anos. Esse

⁵⁵ TRUZZI. Op. cit., p.88.

⁵⁶ *Ibidem*, p.30.

⁵⁷ *Ibidem*, p.74.

⁵⁸ FÍGOLI; VARELA. Op. cit., p.6.

⁵⁹ *Ibidem*, p.7.

⁶⁰ *Idem*.

é o cenário global caracterizado por Bauman⁶¹ como o propulsor de pessoas em situação de refúgio e que, especificamente no caso sírio, levou, até os dias atuais, mais de 5,5 milhões de pessoas a deixarem seus lares⁶². Uma parte encontrou no Brasil um meio possível de ter uma vida ressignificada.

Diante desse triste cenário e com o argumento da consideração dos “*laços históricos que unem a República Árabe Síria à República Federativa do Brasil*”, o governo brasileiro decidiu tomar medidas que pudessem facilitar a entrada de refugiados sírios, no país, e publicou em 2013 a Resolução 17 do Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE)⁶³, que visa à emissão vistos especiais a pessoas afetadas pelo conflito naquele país. Segundo dados do CONARE 2018⁶⁴, 40% da população reconhecida como refugiada no país constituía-se de sírios (3.326 pessoas) e em 2018, 51% dos reconhecimentos da condição de refúgio foram a pessoas de origem síria.

Hoje, uma parte dos mais de três mil refugiados sírios no Brasil reside na região central de São Paulo, como a Sé, Pari, Brás etc. Assim, como se pode notar, a região central de São Paulo há 150 anos tem sido um dos locais preferidos da comunidade sírio-libanesa, seja para comercializar e/ou viver. A maioria dos novos refugiados sírios é composta por homens adultos e por casais, que decidem vir para o Brasil em busca de uma vida melhor, às vezes motivados pelo imaginário secular sobre o Brasil em seus países de origem, e, por vezes, também como a única alternativa, ou opção para fugir da guerra. Muitos deles têm, frequentemente, o trabalho precário sem carteira assinada como o caminho encontrado para sobreviver na metrópole e, por isso, muitos trabalham informalmente como cozinheiros ou arriscam no empreendedorismo migrante⁶⁵ abrindo seus próprios negócios (domiciliares ou pequeno local de venda de comida árabe), além de trabalhar no comércio de roupas e acessórios da região do Brás e Pari, em São Paulo, ou na Feirinha da Madrugada. É certo que nem todo refugiado sírio encontra-se neste contexto, já que alguns puderam vir e receber

⁶¹ BAUMAN, Z. *Estranhos à nossa porta*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

⁶² Para mais informações sobre o número de refugiados na Síria desde 2011, acessar: <https://www.unhcr.org/syria-emergency.html>. Acesso em: 02 jun. 2020.

⁶³ Resolução 17 do CONARE 2013: <https://www.justica.gov.br/seus-direitos/refugio/anexos/resolucao-normativa-n-17-do-conare.pdf/view>. Acesso em: 02 jun. 2020.

⁶⁴ Cf. [4ª edição do Refúgio em Números](#). Disponível em: <https://www.justica.gov.br/seus-direitos/refugio/refugio-em-numeros>. Acesso em: 02 jun. 2020.

⁶⁵ DINIZ, Gislene C.; GUIMARÃES, Liliane de O.; FERNANDES, Duval, M. Empreendedorismo imigrante e étnico: o papel das redes sociais no processo empreendedor de um imigrante sírio no Brasil. *Revista Eletrônica de Negócios Internacionais Internext*. v.14, n.2, 2019. São Paulo. Disponível em: <https://internext.espm.br/internext/article/view/467>. Acesso em: 02 jun. 2020.

apoio de um familiar que há anos se estabelecera no Brasil e, assim, tiveram a possibilidade de reconstruir suas vidas em cenários diferentes ao que trazemos aqui.

2. Caracterização sociolinguística da amostra

Para refletir sobre a linha do tempo das migrações sírio-libanesas no Brasil e seus aspectos de integração, com ênfase na migração de refugiados na última década, recorreremos a um conjunto de doze narrativas orais autênticas e dados de doze Fichas Sociolinguísticas⁶⁶ da pesquisa de Costa⁶⁷ relatadas por refugiados sírios do bairro Pari. As gravações das narrativas foram realizadas em 2017 durante 3 encontros previamente combinados por *Facebook*, *WhatsApp* e/ou *e-mail* com os participantes selecionados. Na ocasião, os encontros aconteceram após as aulas do curso de Português como Língua de Acolhimento (PLAc) no Serviço Franciscano (Sefras) e/ou aos domingos em algum estabelecimento próximo à praça principal do bairro do Pari. O autor menciona a dificuldade em obter um total de doze participantes, uma vez que muitos temiam se expor e responder⁶⁸. As narrativas foram produzidas em função de uma estratégia, cujo propósito foi provocar a produção de relatos e experiências de vidas (nesse caso, linguísticas) dos intervenientes⁶⁹. As narrativas têm em média um minuto e meio, e seus temas principais são interações comunicativas ou práticas languageiras em português pela cidade, experiências sobre dificuldades e conquistas durante o processo de aprendizagem da nova língua.

Para desenvolver esse artigo, verificamos que cinco, do total de doze, já serviriam como materialidade linguística suficiente para as análises que propomos. Essas narrativas pertencem aos migrantes que se encontravam no Brasil há no máximo três meses e estavam estudando português em um nível A1, de acordo com o Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas (QECR).

A caracterização sociolinguística desses migrantes registrada a partir da aplicação da Ficha Sociolinguística revela dados como: grau de instrução dos informantes e de seus pais; suas experiências migratórias no Brasil e no exterior; avaliação da aprendizagem da

⁶⁶ MATEUS, Maria Helena Mira, Dulce Pereira & Glória Fischer (orgs.). (2003-2008). Projeto Diversidade Linguística na Escola Portuguesa. ILTEC e Fundação Gulbenkian. Lisboa. Disponível em: <http://www.iltec.pt/divling/index.html>. Acesso em: 02 jun. 2020.

⁶⁷ COSTA, Op. cit.

⁶⁸ *Ibidem*, p.40.

⁶⁹ Os participantes foram convidados a contar oralmente uma história a partir da instrução: “Pense na sua vida desde a chegada ao Brasil e em uma história interessante que você viveu que envolvia a língua portuguesa. Por favor, conte essa história”.

nova língua; recepção aos costumes locais em São Paulo com respeito à utilização de línguas (das suas e dos outros, além do português) em diversos contextos (*WhatsApp, Google Maps, televisão, livros etc*).

Dos cinco participantes, há apenas um do sexo feminino. Todos moram no bairro do Pari, onde exercem suas atividades profissionais e escolares. Têm idade entre 25 e 43 anos, quatro têm curso superior, um deles é mestre e um tem ensino médio. Cinco consideram o árabe sua língua materna e um considera o árabe levantino⁷⁰ a sua língua materna. As línguas que usam no dia a dia são: árabe, inglês, espanhol, português e árabe levantino. A média de tempo que moram no Brasil e estudam português é dois meses. Cinco alunos moraram fora do país de origem (3 deles moraram no Líbano). As principais considerações sobre o português são: uma língua bonita, parecida ao inglês, francês ou espanhol. As maiores dificuldades são: pronúncia e uso dos verbos.

3. As narrativas de vida como metodologia de análise

Ao utilizar as narrativas como metodologia de análise e também como materialidade linguística relevante para compreender subjetividades dos migrantes em seus processos migratórios, partilhamos das ideias de Piller⁷¹ para quem as linguagens e migrações sempre foram consortes, sendo a linguagem central nos debates que envolvem as migrações, uma vez que é por meio dela e nela que acontece o agenciamento das migrações na ordem econômica, nos direitos sociais, na escola etc. Além disso, a migração sem dúvida “fator-chave” para variações linguísticas que assim alteram-se pelo resultado do encontro com outras expressões e culturas, de acordo com Kerswill⁷². Assim, esperamos contribuir para um diálogo mais plural no âmbito das migrações, trazendo, para a análise, outros elementos dos Estudos de Linguagens e da Ciências Sociais.

A esse respeito, utilizar as narrativas a fim de estudar partes de experiências vividas por cada sujeito, permite-nos alinhar aos referenciais de Bertaux⁷³ sobre a possibilidade de

⁷⁰ Cf. mapa da composição linguística da Síria em: <https://nealrauhauser.wordpress.com/2013/06/15/syrian-sects-ethnic-groups/> Acesso em: 02 jun. 2020.

⁷¹ PILLER, Ingrid. *Language and Migration*. 1 ed. London: Routledge, 2016.

⁷² KERSWILL, P. *Migration and Language*. In: U. AMMON, N. Dittmar, K. J. Nattheier, & P. Trudgill (eds.). *Sociolinguistics/Soziolinguistik: An international Handbook of Science of Language and Society*. 2 ed., v.3., pp.2271-2285. Berlin, 2006.

⁷³ BERTAUX, Daniel. *L'enquête et ses méthodes: le récit de vie*. 3 ed. Armand Colins Éditeurs, Paris, 2010.

incluí-las em um espaço maior de enunciação, uma voz (história) singular como coletiva e social.

Nesse sentido, as subjetividades contemporâneas⁷⁴ têm contribuído para que as narrativas continuem sendo tratadas (também) como metodologias apoiadas nos discursos orais como testemunhos, relatos ou história oral de vida. No âmbito das migrações, destacamos Thomas & Znaniecki⁷⁵ e a Escola de Chicago como precursora em realizar uma coleta de material oral de experiências de vida e de integração de migrantes poloneses, alemães entre outros, para os Estados Unidos, durante as primeiras décadas do século XX. As narrativas podem evidenciar ações, atitudes, pontos de vista, queixas, culturas e identidades dos migrantes em seus percursos migratórios⁷⁶. Essas experiências contribuem para delinear ou orientar os sentidos da integração, como têm sido evidenciados em algumas pesquisas sobre a comunidade sírio-libanesa no Brasil. Em sua tese de doutorado, Osman⁷⁷, por meio da utilização de Histórias de Vida, apresenta-nos uma série de elementos históricos, socioculturais e familiares que ressaltam o forte laço entre as comunidades libanesas e brasileiras. Outras pesquisas recentes também têm optado por narrativas orais de sírio-libaneses como metodologia de análise⁷⁸. Já Dornelas e Nunes⁷⁹ trazem, em seu livro, histórias de vidas de migrantes que residem em Belo Horizonte, sendo dedicados quatro capítulos do livro a migrantes do Oriente Médio: uma palestina, um libanês, um sírio, e duas irmãs ex-apátridas⁸⁰.

Portanto consideramos as narrativas como método apropriado para evidenciar subjetividades dos sujeitos analisados neste artigo uma vez que a experiências linguísticas vividas e relatadas também dizem respeito aos aspectos de integração na cidade. Dessa forma, embora essas histórias contadas tenham como tema principal as experiências com o português pela cidade, podem evidenciar, em um sentido polifônico e dialógico⁸¹, vozes que

⁷⁴ ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Editora da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

⁷⁵ THOMAS, William, I. ZNANIECKI, Florian. *The Polish Peasant in Europe and America*. South Carolina: Nabu Press, 2012.

⁷⁶ FORLOT, Gilles. *Avec sa langue en poche*. Louvain: Editora da Universidade de Louvain, 2008. Disponível em: <https://books.openedition.org/pucl/971>. Acesso em: 02 jan. 2020.

⁷⁷ OSMAN. Op. cit.

⁷⁸ FORTUNATO. Op. cit.

⁷⁹ DORNELAS, P.; NUNES, R. *Entre Lugares: trajetórias de migrantes, refugiados e apátridas*. Belo Horizonte: Jornalismo de Fronteira, 2019.

⁸⁰ COSTA, E. J.; SILVA, F. C.; MAMO, Maha. Pelo fim da apatridia: uma luta contra leis anti-humanitárias a partir da história de Maha Mamo. p. 83-100. In: *Caderno de Debates*. v.14, n.14. Instituto Migrações e Direitos Humanos. Brasília, 2019.

⁸¹ BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. 2 ed. Martins Fontes, São Paulo, 1997.

representam distância e/ou aproximação a outras formas de integração contidas em narrativas e memórias de migrantes sírio-libaneses das gerações anteriores aos dos participantes desta pesquisa.

Nesse sentido, embora as narrativas que utilizaremos já tenham sido utilizadas como *corpus* em uma pesquisa anterior, consideramos que continuam a aportar um leque de informações que servem de análise em diversas áreas, como é o caso desta pesquisa. Em Costa⁸² foram utilizadas para analisar a competência narrativa dos migrantes, nesta pesquisa reaproveitaremos parte do total de narrativas já analisadas para observar o que elas dizem sobre os seus enunciadore e seus processos de integração na cidade de São Paulo.

Apresentamos, na sequência, os excertos selecionados das narrativas⁸³ que julgamos contribuir para a breve análise proposta. Os nomes foram alterados a fim de preservar as identidades dos participantes.

(...) Português difícil para meu...trabalho entender nunca pessoas falar... muito rápido. Não gosta português. Eu falar outros línguas, *but* pressão, guerra...é...é... família no Síria, medo, triste, eu não falar conseguir bom português. Trauma? Vida Brasil *complicated*. Eu com avião mudar porque aqui difícil. (G1-01)

(...)É... meu nome é Albert, a no Brasil há 3 meses. Quando chegar no Brasil... é...é... aprendo algumas palavras (...) exemplo 'Olá, tudo bem? Boa noite'...é... aprendo *two* palavras: solteiro e cansada. En a *chat* por que...ah...ah...todo mulher pergunta meu: Albert, cansada? – si, cansada é...respondo..responda si, mas é...eu é....cansada eu aprendo...*opposite of...like* solteiro...*I'm sorry* (...). (G2-02)⁸⁴

(...) Primeiro acho que é muito difícil comunicar em português porque parece que ninguém fala outra língua, só o português. Se falar outra língua, como inglês, poderia ajudar muito a explicar algumas coisas em português. A minha vida mudar muito depois eu sair forçado da Síria por guerras e não concentro muito em português. Difícil muito não é comprar no supermercado porque posso ver as preços e nomes. Posso consultar tradutor na internet. Difícil em supermercado quando pagar, pessoa pergunta rápido “Nota Fiscal Paulista?”... agora entendo, antes não. Difícil é explicar a situação na Síria sobre guerra para brasileiros em português. Uma menina me perguntou por que eu no Brasil e falo de guerra, etc. Ela não entende bem e uso o computador para mostrar fotos de guerra. Eu choro muito e ela também. Fico 1 hora para explicar pouca coisa muito difícil português. Bom usar o computador. (G1-03)

Português muito difícil. Eu falar só números e breços pelo trabalho. Brasileiros comprar *but* não conversar muito de preços, desconto, varejo, atacado. Em loja quero falar de preços para brasileiros comprar. Não entende

⁸² COSTA. Op. cit.

⁸³ Cf. narrativas completas encontram-se na dissertação de COSTA (2019). Acesso em: 02 jun. 2020

⁸⁴ pessoa chora e abandona a narrativa.

brasileiro sobre cultura árabe dos preços, descontos (...) não falar muito português, brasileiros não falar árabe ou inglês. Eu nervoso porque vender pouco. Acho que porque não entender cultura brasil do compra e venda. (G1-04)

Um grande desafio para mi o português para trabalho ou rua. Posso pegar o metrô ou ônibus porque leio os números e consulto internet, mas para trabalho complicado. Uma vez teve um aluno particular de matemática aqui em Pari, mas não funciona porque nós não chegaremos a um entendimento porque nomes e métodos matemáticas diferentes árabes e português. Brasileiros têm uma maneira diferente de aprender matemática que é mais complicada. Nós, árabes, temos métodos mais simples e práticos. (G1-05)

4. Análises

Conforme já mencionado, a primeira análise das narrativas selecionadas foi realizada na pesquisa de Costa⁸⁵ e apresentou, entre outras questões, temas recorrentes nas narrativas dos cinco migrantes, tais como ‘dificuldades para aprender português’ e ‘trauma vivido pela guerra na Síria’. Especificamente sobre esse último ponto, merece destaque o argumento da guerra na Síria para justificar a dificuldade em aprender português, a presença da dor ao explicar em português a um brasileiro a origem e horror do conflito, além do abandono da narrativa por causa da lembrança do conflito no momento da gravação⁸⁶.

Esses dois temas recorrentes nas narrativas dos migrantes recém-chegados ao Brasil divergem das experiências vividas pelos migrantes que viviam há mais de um ano no Brasil, conforme resultados da mesma investigação realizada. A pesquisa realizada mostrou, tanto nas narrativas como nos dados da ficha sociolinguística, que “os alunos têm atitudes mais positivas sobre o português (...) cujas experiências linguísticas apresentam sentimento de melhoria e superação”, “têm uma avaliação positiva da história vivida com a língua portuguesa”⁸⁷ e demonstraram maior engajamento com a cultura brasileira e lusófona, por meio da música e da literatura⁸⁸.

Dessa forma, para esta pesquisa interessou-nos recorrer aos temas centrais dos resultados dos cinco migrantes recém-chegados (trauma, aprendizagem de português e relação com a cultura brasileira, em especial o comércio) e trazê-los para uma análise

⁸⁵ Costa. Op. cit.

⁸⁶ *Ibidem*, p.63-64.

⁸⁷ *Ibidem*, p.70.

⁸⁸ *Ibidem*, p.75.

alternativa sob a ótica da integração e das metodologias de Arfuch⁸⁹ e Bertaux⁹⁰. Portanto novas observações das narrativas foram realizadas com o intuito de apontar elementos que se encontram nas interseções e bifurcações ocasionadas das diversas relações que podem ser estabelecidas entre o contexto pré-migratório desses migrantes (a guerra na Síria e os traumas provenientes dessa situação), a fase no Brasil (a chegada, a continuação do trauma, a aprendizagem da nova língua e as experiências com o português vividas pela cidade) e suas influências na integração desses sujeitos no âmbito do comércio ou trabalho. Entre as várias possibilidades, decidimos focar no contexto laboral porque tem sido, ao longo do tempo das migrações sírio-libanesas ao Brasil, um eixo central da integração dessas comunidades no país.

No que diz respeito ao eixo “trauma”, identificamos, em três narrativas das cinco analisadas, relatos de situação da guerra na Síria como fator traumático que dificulta a comunicação e aprendizagem da língua portuguesa.

Eu falar outros línguas, *but* pressão, guerra...é..é... família no Síria, medo, triste, eu não falar conseguir bom português. Trauma? Vida Brasil *complicated*. Eu com avião mudar porque aqui difícil. (G1-01)

(...) A minha vida mudar muito depois eu sair forçado da Síria por guerras e não concentro muito em português. (G1-03)

(...)Uma menina me perguntou por que eu no Brasil e falo de guerra, etc. Ela não entende bem e uso o computador para mostrar fotos de guerra. Eu choro muito e ela também(...). (G1-03)

Vale a pena destacar brevemente o caso do participante que abandonou a narrativa. Após a gravação da entrevista, Costa⁹¹ teve a oportunidade de perguntar ao aluno a razão de ter abandonado a gravação e ele comentou que a dificuldade em narrar e conversar em português vinha do fato de que isso sempre o fazia lembrar da guerra na Síria.

É interessante observar aqui que os traumas vividos por esses migrantes dizem respeito à violação total dos Direitos Humanos na Síria, fator marcante na linha do tempo da migração sírio-libanesa no Brasil, que afeta padrões e comportamentos. E isso não significa que durante as gerações anteriores tudo foi bonança e prosperidade. É certo aconteceram dificuldades em seus países de origem, bem como adversidades durante a adaptação aqui, porém os relatos sobre trauma por violação dos direitos humanos são

⁸⁹ ARFUCH. Op. Cit.

⁹⁰ BERTAUX. Op. cit.

⁹¹ COSTA. Op. cit.

aspectos que devem ser levados em consideração para entender os processos de integração dessa comunidade, e também para servir de elemento para futuras pesquisas brasileiras sobre a influência do trauma nas dificuldades de integração de migrantes deslocados forçados.

Na sequência das análises, mais especificamente sobre o uso do português no dia a dia dos migrantes analisados, as narrativas mostraram que é no comércio ou no trabalho, com seus vocabulários específicos, em que se situam os relatos que dizem respeito às dificuldades de entendimento das práticas culturais no Brasil. Esse dado corrobora a ideia de que o comércio é um eixo central, uma vez que, ao serem pedidos para contar uma história interessante que tenham vivido com o português, em vez de mencionarem o comércio como lugar de suas experiências, poderiam ter citado outros contextos de realização da experiência como conversas com amigos sobre a tecnologia, ou sobre interações no *Facebook*, em um casamento de um primo etc.

(...) português difícil para meu...trabalho. (G1-01)

Difícil muito não é comprar no supermercado porque posso ver as preços e nomes (...) “Nota Fiscal Paulista?” (G1-03)

Eu falar só números e breços pelo trabalho. Brasileiros comprar *but* não conversar muito de preços, desconto, varejo, atacado. Em loja quero falar de preços para brasileiros comprar. Não entende brasileiro sobre cultura árabe dos preços, descontos. (...) não falar muito português, brasileiros não falar árabe ou inglês. Eu nervoso porque vender pouco. Acho que porque não entender cultura brasil do compra e venda. (G1-04)

(...) mas para trabalho complicado. Uma vez teve um aluno particular de matemática aqui em Pari(...). (G1-05)

Se durante a análise diacrônica das migrações sírio-libanesas para o Brasil evidenciamos o comércio como um lugar comum das vozes sírias e libanesas e essencial para integração desses migrantes, as narrativas analisadas, pertencentes a sujeitos que realizaram suas migrações ao Brasil na última década, indicam dificuldade de integração como expressadas pelas atitudes e avaliações sobre o idioma português:

Português difícil para meu...trabalho entender nunca pessoas falar.... muito rápido. Não gosta português. (G1-01)

(...) Primeiro acho que é muito difícil comunicar em português porque parece que ninguém fala outra língua, só o português. Se falar outra língua, como inglês, poderia ajudar muito a explicar algumas coisas em português (...) Difícil muito não é comprar no supermercado porque posso ver as preços e nomes. Posso consultar tradutor na internet. Difícil em supermercado

quando pagar, pessoa pergunta rápido “Nota Fiscal Paulista?”... agora entendo, antes não. Difícil é explicar a situação na Síria sobre guerra para brasileiros em português. Uma menina me perguntou por que eu no Brasil e falo de guerra, etc. Ela não entende bem e uso o computador para mostrar fotos de guerra. Eu choro muito e ela também. Fico 1 hora para explicar pouca coisa...muito difícil português. Bom usar o computador. (G1-03)

Português muito difícil. Eu falar só números e breços pelo trabalho (...)não falar muito português, brasileiros não falar árabe ou inglês. (G1-04)

Um grande desafio para mi o português para trabalho ou rua. Posso pegar o metrô ou ônibus porque leio os números e consulto internet, mas para trabalho complicado(...) (G1-05)

As análises evidenciam o comércio, seja no papel de consumidor ou vendedor, como lugar das interações, onde parte dos traumas vivenciados revelam dificuldades com a comunicação em português e com o entendimento das práticas culturais brasileiras. Além disso, essas experiências relatadas contribuem também para realizar uma breve comparação sobre o papel da língua em etapas das migrações sírio-libanesas.

Desde a chegada dos primeiros sírio-libaneses em 1870, o português tem sido um complicador para melhor integração desses migrantes no Brasil, porém nem sempre a utilização, necessidade e aprendizagem da língua se deram da mesma forma. Para os migrantes que chegaram até as primeiras décadas do século XX, a atividade de mascate era uma ótima saída, uma vez que “ela não exigia mais que um conhecimento rudimentar da língua portuguesa e, ao mesmo tempo, o próprio trabalho os treinava no novo idioma”⁹². No que diz respeito aos preconceitos linguísticos que sofriam nas gerações passadas, esses advinham de uma pronúncia irregular em português, que era motivos de risos, deboches, provocando até certo complexo de inferioridade⁹³.

Se por um lado, durante a primeira metade do século XX, a figura emblemática do mascate e o seu ofício como autônomo exigiam dos migrantes sírio-libaneses um nível de proficiência em português muito baixo, para os migrantes do século XXI, empregados e refugiados, são necessárias outras exigências e maior número de demandas na comunicação em português e em outras línguas pela cidade, como as advindas das interações comerciais de compra e venda nas redes sociais⁹⁴ ou do constante uso de telefones móveis como ferramenta para integração. A esse respeito, dados extraídos da ficha sociolinguística da

⁹² TRUZZI. Op. cit., p.47.

⁹³ SAFADY, Wadih. *Cenas e cenários dos caminhos de minha vida*. Belo Horizonte: Santa Maria, 1966.

⁹⁴ DINIZ et. alli. Op. cit. 2019.

pesquisa de Costa⁹⁵ revelam que os participantes desta pesquisa usam duas ou três línguas para interagirem no *Google Maps* e *WhatsApp*, por exemplo. Por último, e ainda sobre as novas demandas apresentadas nos últimos anos aos migrantes refugiados, destacamos uma política linguística de caráter *gatekeeping*⁹⁶, o Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros (Celpe-Bras), uma vez que, até o fim de 2018, era o documento possível a ser utilizado para a comprovação de proficiência em português ao candidatar-se à naturalização brasileira.

Após localizar e analisar fragmentos de narrativas que evidenciaram questões a respeito do papel da proficiência na(s) língua(s) locais na integração de um grupo de migrantes, adentraremos um pouco mais nos fios condutores das migrações sírio-libanesas para prosseguimento das análises.

Ao apoiarmos nas concepções de dialogismo, gênero do discurso e polifonia em Bakhtin⁹⁷ e Brait⁹⁸ encontramos, nessas narrativas, possibilidades de transversalidades em um espaço, tempo e subjetividades compartilháveis e imersas em uma historicidade⁹⁹ e heterogeneidades de discurso¹⁰⁰, cujos enunciados implicam identificação e representações de si nos costumes cotidianos. Nesse sentido, as narrativas analisadas demonstram ser uma possível “tentativa de descrição da estrutura diacrônica do percurso de vida”¹⁰¹ que, ao entrecruzarem a linha do tempo das migrações sírio-libanesas por meio de seu tema principal, o comércio, indicam singularidades como o desencadeamento de situações enfrentadas pelos refugiados sírios do bairro Pari, a partir dos traumas vivenciados desde a sua fase pré-migratória. Assim, afetar as relações desses migrantes no século XXI no âmbito laboral ou do comércio significa influenciar na história das migrações sírio-libanesas no Brasil, uma vez que o comércio indica ser um fenômeno social e coletivo¹⁰² que perpassa todas as etapas das migrações sírio-libanesas ao Brasil, indicando um fator favorável de análise e pesquisa.

⁹⁵ COSTA. Op. cit.

⁹⁶ ANUNCIACÃO, Renata F., CAMARGO, Helena, R., O exame Celpe-Bras como política *gatekeeping* para a naturalização no Brasil. *Revista Muiiraquitã*, v. 7, n. 2, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/mui/article/view/2764>. Acesso em: 02 jun. 2020.

⁹⁷ BAKHTIN. Op. Cit.

⁹⁸ BRAIT, Beth. *Bakhtin: conceitos-chave*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2005.

⁹⁹ ARFUCH. Op. cit., p.66.

¹⁰⁰ BAKHTIN. Op. cit.

¹⁰¹ BERTAUX. Op. cit., p. 14. Tradução nossa do original: « *effort de description de la structure diachronique du parcours de vie* ».

¹⁰² *Ibidem*, p.35.

É (também) por meio do comércio que as experiências desses migrantes estabelecem um ponto de apoio comum, em que se encontram seus diversos lugares, papéis e posições sociais, “representações e desejos que integram o espaço localizável”¹⁰³. Nesse emaranhado de discursos, entendidos como narrativas de experiência de vida, ultrapassamos a noção simplista de fronteira e território. Isso quer dizer que a vida e experiências de uma pessoa não é só dela, mas de todos com os quais ela as compartilhou, ou seja, com seus amigos, familiares, com quem interagiu durante viagens, com todo seu memorial literário etc. Nada é alheio. Portanto as narrativas adquirem dimensões, agora plurais, que reconfiguram todo o social, cultural e antropológico dessas comunidades. Dessa forma, as experiências narradas sobre o comércio por esses grupos parecem apontar para uma cadeia de acontecimentos que leva a uma ruptura dos padrões de integração dessa comunidade. Referimo-nos às rupturas dos padrões de integração dessa comunidade pelo fato de que o trajeto migratório desses migrantes, que perpassam transformações em suas vidas devido à guerra, aportam traumas que dificultam a aprendizagem da nova língua e, como consequência, interrompem a integração idealizada por eles. Importante frisar que esses novos entretons registram impressões diferenciadas na história das migrações sírio-libanesas ao Brasil.

Essas diversas trajetórias vividas por sírios e libaneses ecoam em direção a diversas bifurcações nessa história de 150 anos, em um sistema de capilarização parecido ao projeto comercial empreendido pelo Brasil afora, no início das migrações sírio-libaneses. Assim, as vozes traumatizadas pela guerra, que têm dificuldades em aprender português e que não obtêm o sucesso desejado em seu comércio, ramificam-se, cruzando lugares (como memórias em conflito) na ordem do projeto nação-família, uma vez que historicamente a migração era decidida no âmbito familiar¹⁰⁴. A esse respeito, as dificuldades e obstáculos apresentados pelos migrantes divergem da ideia de uma rede de complementariedade familiar, “de um contínuo processo de retroalimentação, de importação de parentes e conterrâneos pelos já estabelecidos – provia emprego, treinamento e socialização do recém-chegado”¹⁰⁵. E, por isso, interrompe uma integração idealizada por eles, assim, no plural,

¹⁰³ SILVA, Adélia, V. *Leitura etnogeográfica dos lugares de vida de imigrantes brasileiros em Lisboa e em Los Angeles*. Tese de doutoramento em Migrações, Instituto de Geografia e Ordenamento Territorial, Universidade de Lisboa, 2019. Disponível em: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/41454/1/ulsd733790_td_Ad%c3%a9lia%20Silva.pdf. Acesso em: 02 jun. 2020.

¹⁰⁴ TRUZZI. Op. cit., p.28-29.

¹⁰⁵ *IBIDEM*. Op. cit., p.56-57.

sendo “eles” aqui uma referência a todos os patrícios de todas as etapas desse projeto durante a migração secular.

Esse entrelaçamento de elementos sobre o comércio indicado nas narrativas percorre a história das migrações de sírios e libaneses no Brasil em seus mais diversos âmbitos – familiares, linguísticos, traumáticos -, ultrapassando as noções simplistas que poderiam representar um comércio para um lugar, instalando-se nas representações e imaginários mais diversos sobre a comunidade sírio-libanesa em toda a sua história no Brasil. Assim, as experiências deixam de pertencer a uma pessoa ou a um grupo específico, como os refugiados do bairro Pari, ou a um contexto delimitado, como o âmbito do comércio, e passam a revelar questões coletivas, nesse caso de toda a comunidade sírio-libanesa no Brasil, e que expressam muito além das interações entre cliente e vendedor, num diálogo de compra e venda.

5. Considerações finais

Uma das especificidades das migrações sírio-libanesas para o Brasil é o fato de seguirem constantes, desde o fim do século XIX até hoje. Uma pequena parte da infinita riqueza de detalhes contida nessas milhares de vidas em trânsito foram analisadas neste artigo. Foi possível observar, por meio da análise de cinco narrativas autênticas de refugiados sírios do bairro Pari, em São Paulo, aspectos que vão além das referências comumente feitas a esses grupos sob a ótica da integração. A título de exemplo, com o passar dos anos, sírios e libaneses eram vistos por brasileiros como bons comerciantes justificados por uma “inclinação natural ou “está no sangue”, além do fato de que a história desses migrantes coincidiu com o forte movimento de urbanização e modernização do Brasil no século passado, e, portanto, “natural que pendessem a tais atividades, aproveitando-se do comércio como um novo espaço de inserção profissional”¹⁰⁶. Ainda que a história desses grupos, pelo menos a vivida no Brasil e relativa ao comércio, tenha em geral um caráter relacionado ao êxito em vários setores, o grupo de migrantes em análise revela, em suas trajetórias migratórias, experiências de trauma devido à violação dos Direitos Humanos na guerra na Síria, que acarretam dificuldades em aprender o português e, conseqüentemente, de integrar-se plenamente, uma vez que pesquisas apontam o papel

¹⁰⁶ TRUZZI. Op. cit., p.45.

fundamental da aprendizagem da(s) língua(s) local(is) na integração conforme IPEA¹⁰⁷; Silva & Fernandes¹⁰⁸.

No que diz respeito às formas de integrar, as dificuldades de interação no comércio foram evidenciadas, seja pelos aspectos de desentendimentos culturais, o que pode ser justificado, ainda que parcialmente, pelo pouco tempo que estavam no Brasil (máximo 3 meses), seja por não terem obtido sucesso em seus trabalhos devido ao baixo nível de proficiência de português e, principalmente, aos traumas sofridos. Dessa forma, essas experiências vividas pelos refugiados no comércio foram incluídas na linha do tempo das migrações sírio-libanesas no Brasil. Ao analisá-las como reconfigurações da subjetividade contemporânea Arfuch¹⁰⁹ pela ótica do dialogismo e polifonia em Bakhtin¹¹⁰, constatamos um cruzamento de discursos que apontam dificuldades, emoções, atitudes nas trajetórias migratórias, bem como formas de integrar no e para o comércio ou trabalho, que revelam o carácter coletivo e plural, representando, assim, o social, uma voz de um eu que representa um nós. Nesse sentido, as vozes refugiadas do século XXI ressoam em todas as etapas das migrações sírio-libaneses e vice-versa. Elas desdobram-se por toda a história e experiências no comércio ao longo de todas as migrações desses grupos, lugar para o qual todas as narrativas parecem convergir. Por isso, questionamos, assim como “É plausível postular um espaço comum de intelecção dessas narrativas – *o espaço biográfico* – que, sem perda de especificidade, seja capaz de dar conta de deslocamentos, semelhanças, mutações de formas e significados?”¹¹¹.

Por fim, as análises, ao abrirem espaço para uma complexa rede de intersubjetividades, proporciona-nos mosaicos possíveis de correlações entre essas vozes migrantes tais como as apresentadas nesta pesquisa e outras de diversas fases e atores dessa extensa e presente história, já amplamente difundidas na mídia e nas produções editoriais, que recaem, em especial, sobre as experiências da guerra na Síria tendo como referência

¹⁰⁷ INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS APLICADAS - IPEA. Ministério da Justiça, Secretaria de Assuntos Legislativos. *Migrantes, apátridas e refugiados: subsídios para o aperfeiçoamento de acesso a serviços, direitos e políticas públicas no Brasil*. Série Pensando o Direito. n.57. Brasília, 2015.

¹⁰⁸ SILVA, F. R; FERNANDES, Duval M. Desafios enfrentados pelos imigrantes no processo de integração à sociedade brasileira. p.83-102 In: *Caderno de Debates*. n.13. dez. Instituto Migrações e Direitos Humanos. Brasília, 2018. Disponível em: <https://www.migrante.org.br/wp-content/uploads/2019/01/FINAL-para-web-IMDH-Caderno-de-Debates-ed13.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2020.

¹⁰⁹ ARFUCH. Op. cit.

¹¹⁰ BAKHTIN. Op. cit.

¹¹¹ AURFUCH. Op. Cit., p.37.

Camargo & Caruso¹¹² Ferreira¹¹³, Souza & Zolin-Vesz¹¹⁴. Referimo-nos, portanto, às possibilidades de desdobramentos dos temas e resultados deste artigo para outras sociabilidades que envolvem a narrativa (auto)biográfica de sírios e libaneses no Brasil.

Recebido em 05 de junho de 2020

Aceito em 11 de janeiro de 2021

¹¹² CAMARGO, Márcia; CARUSO, Carla. *Diálogos de Samira: por dentro da guerra na Síria*. 1 ed. São Paulo: Moderna, 2015.

¹¹³ FERREIRA, Adriana, O. A Selfie dos refugiados sírios como narrativa autobiográfica. *Revista Uninter de Comunicação*, v.6, n.11, dez, 2018, Curitiba. Disponível em: <https://www.uninter.com/revistacomunicacao/index.php/revistacomunicacao/article/view/764>. Acesso em: 02 jun. 2020.

¹¹⁴ SOUZA, Daniele. S. ZOLIN-VESZ, Fernando. Narrativa da vida em fuga na autobiografia de um refugiado sírio. *Revista Gláuks*. v.19, n.1, jan./jun., 2019. Disponível em: <https://www.revistaglauks.ufv.br/Glauks/article/view/116/84>. Acesso em: 02 jun. 2020.